

MANUELA GONZAGA

JARDINS
SECRETOS
de LISBOA

Finalista do Prémio Europeu de Melhor Romance de Amor

FICÇÃO · ROMANCE

Aos amores
Ao Amor

LUZES E SOMBRAS

Não sei porque se fala sempre da luz de Lisboa, como se a sua sombra não crescesse em cada rua e esquina, em cada portal de igreja ou palácio, nas memórias afogadas em dobras de tempo, onde, se alguém olhar com atenção, ainda sente pulsar um coração de chamas.

Ele dizia: há uma luz e uma sombra que ainda não foram mostradas e uma história esquecida a céu aberto, como um livro que já ninguém quer ler. E falava-me de sonhos antigos. Coisas mortas, delirantes, trágicas, cuja recordação ficara para sempre impressa na memória da pedra, em frontões, estátuas, obeliscos, e nos nomes de algumas ruas e praças. Andávamos em círculos. Perfazíamos um anel, ou uma espiral, do Chiado à Baixa Pombalina, dos Restauradores ao Largo de Camões. Às vezes, o percurso estendia-se à periferia do Intendente, com passagem pelo bar do Hotel Mundial. Outras vezes, alargava-se até ao Cais do Sodré e ao Terreiro do Paço.

Ele dizia:

– Estamos na Terra das Serpentes.

E arrastava-me, mostrava-me e eu via. Até ao deslumbramento. Ao delírio. Até à exaustão. Depois, perguntava-me:

– Onde estão os teus registos?

Eu respondia:

– O incêndio devorou-os.

Mas então, o que vi, vivi e fotografei, rasgou-me diques na memória. De modo que acabei por ir ao encontro de muitas outras cidades, dentro desta cidade, pontas de um novelo de simultaneidades, onde sentia, por vezes, que tudo estava a acontecer ao mesmo tempo. E era como se nos

deslocássemos por um cenário facilmente removível, que um dia também irá apodrecer sob camadas de pó, terra, de betão e séculos.

Todas as cidades crescem sobre escombros de outras cidades.

Como nós crescemos sobre as memórias esquecidas do que já fomos.

Talvez eu, que um dia cheguei a pensar que procurava a luz, tivesse sempre desejado encontrar a sombra. E o que buscara em imagens claras, era, então, uma mentira. Uma mentira maior do que os retratos de uma criança a brincar com um cão, na Praia do Rei, Costa da Caparica, numa alegria tão inocente e pura que essas fotografias me colocaram numa galeria de premiados, com direito a presença num museu.

Chamei àquela série *Felicidade*.

No fim da tarde, o rapaz foi-se embora e o cachorro ficou sozinho.

Era um pastor alemão abandonado. Não teria mais do que oito meses. Encontrei-o, dias depois, a virar caixotes com outros cães vadios. Tinha um olho ferido e coxeava.

Felicidade.

Então penso: terei inventado isto tudo? Se sim, ou não, que importa? Não é também esta a misteriosíssima natureza do amor? Uma demanda povoada de monstros; um velhíssimo rei-pescador coberto de chagas; uma peregrinação horrivelmente solitária, que toma as estrelas por testemunhas e atravessa todas as eras; uma batalha, onde nunca há vencedores ou vencidos, que se trava de mãos nuas e coração aberto, na procura demencial do uno, através do múltiplo.

Matando e morrendo, sem remissão, sem escolha, sem descanso.

Até Deus ter piedade de nós.

JARDIM SECRETO 1

— **N**ão te movas – disse ele.
Ela ergueu o rosto, franziu a testa, os olhos encadeados pela luz, e sorriu. Tinha os braços morenos abraçados a um cesto cheio de roupa branca e húmida. Ele ajustou a lente, focou-a, com gestos precisos e um nó na garganta.

– Não te movas – pediu.

Nem as folhas se moviam, no silêncio do fim da manhã. Ela parou.

– Desaperta mais um botão, na blusa – disse ele, com os dedos longuíssimos a afinarem o ponto de focagem da máquina, do segundo andar das escadas de ferro das traseiras do prédio.

Ela abanou a cabeça e resmungou:

– Não pense nisso.

Estava tanto calor que de bom grado se despiria toda, para se meter dentro do lago de peixinhos encarnados, mas aquela perseguição constante fazia-a sentir-se um animal encurralado. Ele fotografava-a desde que ela tinha posto os pés naquela casa, dois anos antes. A princípio, sentira-se vaidosa. O dono da casa, o dono das lojas, o senhor da senhora, o pai da menina, só tinha olhos para ela. Ia para a varanda vê-la passar. Seguia-a na rua, pedia-lhe que se encostasse a uma árvore. Levava-a à praia, com a menina, e dizia-lhe:

– Entra na água, com roupa e tudo.

E vinha para as escadas de incêndio, de fato e gravata, fotografá-la na rotina doméstica, enquanto ela, a princípio a fazer-se distraída, colhia ou estendia roupa, varria o chão de calçada do jardim, apanhava folhas que caíam dos limoeiros e das nespereiras e regava as plantas.

Ele não fazia nada. Só lhe pedia:

– Não te movas. Não te movas. Não te movas.

Às vezes, oferecia-lhe as fotografias. Ela reconhecia-se mal naqueles quadrados a preto e branco, onde o seu rosto moreno, de boca grossa e dentes brilhantes, olhos rasgados e sobrancelhas espessas, lhe aparecia em expressões desconhecidas. Gostava de se ver assim, através dos olhos dele. Apesar de se sentir quase ofendida por ele não só nem lhe pedir autorização, como também por nunca a autorizar a compor-se um pouco, como as pessoas devem fazer quando são fotografadas. Ao menos, pentear o cabelo tão comprido e tão farto e tão negro que se lhe escapava dos ganchos e das travessas, rebelde como uma crina de cavalo.

– És tão bonita – murmurava ele, a espreitá-la, o seu rosto pálido escondido por detrás da máquina.

De vez em quando, dava-lhe um presente. Um lenço de seda, um perfume, uma carteira nova. Estendia-lhe as coisas sem a olhar, sem lhe tocar, quase envergonhado.

As raparigas das outras casas, que assomavam também elas aos jardins, aos quintais e às escadas de incêndio dos prédios que partilhavam aquelas traseiras de oásis, diziam:

– O que ele quer é fotografar-te nua. O teu senhor tem uma casa onde fotografa mulheres nuas.

– O senhor - respondia ela, indignada -, tem uma loja de lentes, uma casa de vender óculos e binóculos, que são os óculos de ver ao longe, e termómetros de tirar a temperatura para ver se temos febre quando estamos doentes e outras coisas assim. O senhor não é desses.

As outras riam. Às vezes, viam-no de longe, a espiá-las. No Verão, quando as famílias se mudavam para a Linha, ele aparecia ao fim da tarde em Cascais ou no Estoril e fotografava-as a sair da água, nas suas brincadeiras de hora de folga, quando, fingindo-se assustadas ou distraídas, elas entravam pelo mar, com as suas roupas pesadas e listradas, de serviçais de casas ricas, e se molhavam umas às outras, enquanto as mais corajosas ou mais atrevidas mergulhavam como quem tropeça e saíam aos gritos e às gargalhadas, atirando-se para os braços dos namorados que apareciam como se estivessem a passear ali por acaso.

– Fez umas fotografias da gente, com a roupa tão molhada no corpo que era como se não tivéssemos roupa nenhuma. E disse à Zaida,

a que fugiu para França, a que cozinhava tão bem que o rei de Itália, no Verão, a pedia emprestada, que queria levá-la ao Jardim para a fotografar sozinha...

– O senhor já me fotografou no Jardim da Estrela e no Jardim Botânico. Com a menina – respondeu ela, com o saco das molas nos dentes e o fardo de roupa ao colo, a subir as escadas entupidas de vasos de sardinheiras.

– Não é esse jardim – riram-se as outras.

– Não? De que jardim estão vocês a falar?

– A Zaida nunca contou.

– Desaperta o botão da blusa – disse ele, num tom de voz tão imperioso que ela não conseguiu desobedecer-lhe. Levou a mão ao colo, abriu a camisa, sentindo a cara a arder, e, depois, limpou a testa e o pescoço à dobra do avental.

O suor abria-lhe pequenos veios salgados na pele e o cabelo desmanchava-se em ondas rebeldes, a abrir caminhos por entre as travessas, os ganchos e as linhas com que o tentava prender. Humedeceu a boca, apertou os dentes, a tremer como um animal apanhado numa teia, respirando fundo e apercebendo-se, distraída, do cheiro lavado da roupa, do ar perfumado da tarde e dos carreiros disciplinados de formigas que pespontavam, num vaivém diligente, o tronco do limoeiro junto das escadas.

– Veja lá se se despacha! – disse, a cuspir as palavras. – Era muito bonito, era, se a senhora nos apanhasse aos dois nesta figura.

– Não te movas – disse ele.

Ela não lhe via a cara, mas pela voz ele parecia a pontos de chorar. Então, fixou a lente, aquele olho negro e terrível que parecia devorá-la, e pensou, como se estivesse hipnotizada:

«Os homens são tão estranhos.»

PRIMEIRA ESTAÇÃO:
BAIXA-CHIADO

O Outono tinha começado, mas ainda não fazia frio. Eram quatro horas da tarde, eu estava em casa e o telefone tocou de maneira diferente. Demorei uns segundos a decidir se atendia ou não.

Atendi.

– Tens ideia do trabalho que tive para conseguir o teu número?

Eu não tinha.

– Já não tens as lojas? Passaste o negócio? Sabes que nem as telefonistas dos jornais te conseguem descobrir?

Eu não sabia.

– Estive a ver as tuas fotografias, outra vez. Passei pelo Centro de Arte Moderna. São excelentes. Estás muito bem rodeada, com o Molder, o Nozolino e o Blaufuks. Não foste tu que as tiraste, pois não?

Agora eu já sabia quem estava do outro lado.

– Vamos jantar hoje?

– Não.

– Então, vamos almoçar amanhã.

– Não.

– Porra! Vamos tomar um café?

– Não.

– Sim. Levo-te uma prenda.

– O quê?

– Um cachimbo.

– Se me ofereceres, tu, ou seja quem for, um cachimbo, esborracho-o no chão à tua frente.

– Porquê? É muito bonito e havia de te ficar muito bem.

– Sim, e à noite sento-me a limpar-lhe as viscosidades castanhas da nicotina, com uns piaçabas pequeninos e brancos, e divirto-me muito.

– Então, levo-te outra coisa.

– O quê?

– Não digo.

– Porque é que queres almoçar comigo?

– Porque te quero mostrar uma coisa.

– O quê?

– Não digo. É uma coisa que tens de ver. E também te levo um presente.

Hesitei, mas acabei por responder quase automaticamente:

– Está bem.

– Vê se trazes a máquina.

– Não.

– Mas devias. Traz a máquina, anda.

– Não.

– Vais-te arrepender.

E foi assim que tudo começou. Outra vez.

Estava um dia abafado. Desci a Rua do Salitre até à Rua Castilho, depois cortei para a Avenida e fui de metro. Agora, gosto de andar de metro, mas, durante quase dez anos, e de um momento para o outro, deixei de suportar até a ideia de descer às plataformas subterrâneas. Via chamas a crescerem pelos túneis, a avançarem como braços de um mar de fogo que devorava tudo à sua passagem. Fechava os olhos e ainda era pior, porque via corpos de pessoas a contorcerem-se como, imaginava eu, se contorce-ram nas chamas as fotografias do Jardim do meu pai, o precioso acervo secreto que nunca cheguei a ver. Fechava os olhos, e ouvia o crepitar das labaredas a comerem as minhas fotografias de África. *As Formas Desoladas, a Anatomia do Caos, as Sobras do Império*. Tudo em cinzas.

Então, sentia um fumo, que só eu sentia, a entrar-me na garganta e ouvia gritos, que só eu ouvia, a morrerem-me na boca. Começava a tossir, incapaz de respirar aquele hálito de inferno que regressava inteiro do

fundo da memória, e que nem sequer tivera aqueles cenários por palco. Mas, desde então, quando tentava apanhar o metro, encontrava-me sempre com o Incêndio, ou melhor, com a memória dele.

Mesmo quando pensava que já me tinha esquecido de tudo.

Mesmo quando deixava, durante meses e meses e meses, de sonhar com ele.

Um dia, resolvi que não podia suportar mais a viscosidade daquele horror. Entrei na antiga estação do Marquês de Pombal, atravessei as veias de cimento sob a Praça, que nessa época cheiravam sempre a urina, desci as escadas e fiquei na plataforma a tremer, enquanto o comboio chegava monstruoso e as pessoas, monstruosamente indiferentes, se enfiavam nas carruagens. Entrei. As portas fecharam-se com um ruído áspero e a composição pôs-se a andar e eu saboreei o bater descontrolado do meu coração, a vaga de horror que se perfilava em gritos estrangulados na minha garganta, no medo de morrer de medo. Quando saí, estava tão leve que tive vontade de voltar atrás, no mesmo momento, para fazer tudo outra vez. Depois, habituei-me. Agora, quase nunca penso em chamar a devorarem o ar dos túneis, quando andava de metropolitano.

Entre na linha azul, Baixa-Chiado. A viagem demora duas estações: da Avenida ao Rossio, depois fim de linha. Fui para a carruagem da frente, não estava muito cheia. No banco diante do meu, um rapaz, com o braço por cima do ombro de uma rapariga, dizia-lhe:

– E sabes porque é que os caixões das loiras são em ípsilon?

– Não – disse ela.

– Porque as loiras – disse ele –, mal fecham os olhos, abrem logo as pernas.

– Ah, ah, ah, ah – disse ela, sem convicção. Tinha cabelo castanho-claro.

– E sabes o que é que as loiras fazem, de manhã, quando acordam? – disse ele.

– Não – disse ela.

– Apresentam-se – disse ele –, levantam-se e depois vão-se embora para casa delas.

– Ah, ah – fez ela, sem convicção nenhuma.

– E sabes porque é que as loiras têm dois neurónios a mais do que os cavalos? – disse ele.

– Não – disse ela. Suspirou.

Algumas pessoas, próximas do nosso banco, riram-se entre dentes, mas a maior parte fez de conta que não estava a ouvir.

– Para não cagarem durante os desfiles – disse ele.

Ela já nem se deu ao trabalho de rir.

A estação terminal prolonga-se por muitas plataformas e desagua no Largo do Chiado depois de vários lanços de escadas rolantes, através de túneis brancos, de arquitectura despojada, em abóbada. Quando saímos, ficámos defronte da Brasileira. Ele já lá estava, sentado a uma mesa, com uma pilha de jornais à frente e uma caneca de cerveja a meio. Não nos víamos há anos. Estava mais magro e continuava a usar o cabelo muito curto, agora bastante recuado nas têmporas, mas já não era loiro, era quase todo branco. Tinha óculos redondos. Lentes bifocais, graduadas.

– O que me queres mostrar?

– O que bebes?

– Nada. Onde está o meu presente?

Ele começou a rir. Depois, chamou uma empregada e disse-lhe:

– Quero pagar a cerveja. E você, quer jantar comigo?

Ela parou à nossa frente, encolheu os ombros e rabiscou números no pequeno caderno:

– Levo-a aonde quiser. Com uma condição – continuou ele.

– Sim, sim, pois, pois – respondeu ela, estendendo-lhe a conta.

– A condição é vir com essa bata preta e o avental branco. O seu marido nunca lhe pede que ponha o avental, quando vão para a cama?

A empregada recebeu, deu o troco, foi-se embora. Então, e virando-se para mim, ele meteu a mão ao bolso do casaco e tirou um boneco de madeira, um artefacto esculpido por um artesão amador sem paciência para acabar a obra. Cabia numa mão fechada:

– É um amuleto peruano, para te dar felicidade. Agora, vou levar-te a ver uma coisa. A propósito, porque não trouxeste a máquina?

– Porque – disse eu – não voltei a fazer fotografia.

– Era uma belíssima Leica, não era?

– Era uma belíssima Rolleiflex.

– Eu sei. Mas também te vi usar a Leica do teu pai.